



A NARRATIVA DE ESTER: LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO MORAL

VANESSA MEIRA¹

Resumo: A história de Ester é uma das narrativas bíblicas mais amadas pelas crianças. No entanto, aparentemente, ela não tem sido explorada em todo seu potencial como ferramenta para o desenvolvimento moral de crianças. O objetivo deste artigo é, por meio de uma pesquisa bibliográfica e de uma leitura atenta do texto bíblico, analisar a narrativa de Ester como literatura, com foco nos seus dilemas morais, destacando o seu potencial para fomentar o desenvolvimento moral de crianças. Através desta pesquisa é possível concluir que a história de Ester pode ser mais explorada na educação infantil, tanto por sua riqueza literária quanto por seu conteúdo moral que provoca reflexões.

Palavras-chave: Ester. Literatura Infantil. Desenvolvimento Moral.

ESTHER'S NARRATIVE: LITERATURE AS A TOOL TO FOSTER MORAL DEVELOPMENT

Abstract: Esther's story is one of the biblical narratives most loved by children. However, it has not been explored to its full potential as a tool for the moral development of children. The aim of this article is, through a bibliographic search and a close reading of the biblical text, to analyze Esther's narrative as literature, focusing on her moral dilemmas, highlighting its potential to foster the moral development of children. Through this research, it is possible to conclude that Esther's story can be further explored in early childhood education, both for its literary wealth and for its moral content that provokes reflections.

¹ Mestre em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Doutoranda em Teologia (EST, São Leopoldo-RS). Licenciada em Pedagogia. Docente do curso de Pedagogia do Instituto Adventista Paranaense (Ivatuba-PR). Bolsista da CAPES. Contato: vanessarmeira@gmail.com.

Keywords: Esther. Children's Literature. Moral Development.

1. Introdução

Este artigo é parte da pesquisa de doutorado da autora (orientada pela dra. Gisela Streck), que investiga a relação entre a literatura infantil e o desenvolvimento da espiritualidade (FOWLER, 1992) e da moralidade nas crianças (PIAGET, 1994; KOHLBERG, 1981; KOHLBERG, 1984). A pesquisa inclui a utilização de histórias que apresentam o conceito de bem e mal, e a avaliação de como as crianças absorvem esses conceitos. A história de Ester foi utilizada numa das fases dessa pesquisa mais ampla (que está em andamento).

O desenvolvimento moral e espiritual acontece através de transições para estágios sucessivos, e essas transições são motivadas por conflitos e crises. O uso de narrativas infantis pode beneficiar esse processo, expondo a criança a situações de conflitos morais em seu enredo – além de outros conflitos que podem surgir posteriormente em reflexões individuais ou em grupo. Além disso, se a maturidade moral advém da capacidade de coordenar os diferentes pontos de vista e buscar uma solução, as histórias também podem conter essa reestruturação no próprio enredo, além da possibilidade da criança conseguir essa solução numa reflexão posterior, individual ou em grupo. O uso de literatura infantil no processo de desenvolvimento da moralidade permite a observação e avaliação desses fenômenos.

A história de Ester, sempre presente em Bíblias infantis (que, na verdade, são seleções de histórias bíblicas), foi escolhida por ter um enredo que envolve claras questões morais, uma boa identificação e forte apelo entre crianças. As características da narrativa de Ester, como literatura infantil, que a tornam uma história adequada para uma pesquisa sobre moralidade e espiritualidade, são:

1) *Tem um enredo explicitamente maniqueísta*: é uma história cujos vilões e heróis são rapidamente identificados pelas crianças. Embora, a princípio, pareça reforçar uma visão maniqueísta da vida: na mente infantil, a velha luta do bem contra o mal, quando heróis e vilões estão bem definidos, pode trazer uma reflexão imediata por meio dessas figuras opostas, justamente por causa do contraste.

A realidade costuma ser dual, assim como os próprios indivíduos, assim, é importante refletir com as crianças a partir da personificação de bem e mal, onde o mal é definitivamente mal e no final será punido e o bem é claramente a personificação da virtude, e no final será recompensado. Tudo isso, para a criança, tem a ver com justiça. Para Bruno Bettelheim (1980, p. 157), a criança tem uma “necessidade profunda” de que a justiça prevaleça:

No conto de fadas tradicional, o herói é recompensado e a pessoa malvada recebe sua sorte bem-merecida, e assim satisfaz a necessidade profunda que a criança sente de que prevaleça a justiça. De que outra forma pode a criança esperar que lhe seja feita justiça, ela que se sente tantas vezes tratada injustamente?

Para o autor, só assim a criança conseguirá se convencer de que deve agir corretamente, deve buscar a virtude, a despeito das tentações de ceder “às instâncias não sociais dos seus desejos” (BETTELHEIM, 1980, p. 158).

2) *Tem possibilidades interpretativas*: algumas histórias possuem uma riqueza interpretativa e uma profundidade, que permitem ser exploradas muitas facetas, extrair muitas lições e ampliar enormemente as possibilidades de sentido. Grande parte da permanência e vitalidade das narrativas clássicas está no potencial de leitura que elas permitem (MACHADO,

2002, p. 98). Por meio dessas histórias, os adultos costumam se surpreender com as lições extraídas pelas crianças, dada a facilidade com que elas lidam com simbologias.

Chevalier e Gheerbrant (1990, p. 17) afirmam que o símbolo revela o mundo percebido “tal como o sujeito o experimenta”, não num nível consciente ou resultado da sua razão crítica, mas “em função de todo o seu psiquismo, afetivo e representativo, principalmente no nível do inconsciente”. Ou seja, a interpretação dos símbolos é absolutamente subjetiva, e as narrativas são ricas em simbologias. A criança está em pleno processo de experimentação do mundo a sua volta, entendendo cada ser humano como único e irrepetível, a imaginação e a subjetividade dá a cada narrativa contornos sempre novos a cada nova leitura.

3) *Possibilita o uso de recursos visuais*: a história de Ester pode ser contada de diferentes formas, com o uso de fantoches, encenações etc. Alguns personagens podem ser representados e compreendidos facilmente, especialmente por fazerem parte do imaginário da criança.

4) *Oferece oportunidades de redenção*: Algumas narrativas ofertam aos personagens oportunidades de mudança de rota ou uma quebra de expectativa no leitor ou leitora. São personagens que têm a chance de redenção, de receberem perdão e de mudarem de comportamento. Esta é a esperança humana em busca da virtude, oportunidades de se redimirem em diversas áreas da vida, e algumas histórias “revelam que os seres humanos são as verdadeiras feras necessitadas de redenção” (TATAR, 2013, p. 65). Para Andersen “[...] os contos tinham uma força compensatória, permitindo-lhe corrigir os erros da vida real e equilibrar os pratos da balança da justiça” (TATAR, 2013, p. 348).

A história de Ester oportunizou aos alunos e alunas participantes daquela fase da pesquisa novas leituras de mundo, novas leituras de si mesmos, e reflexões sobre o bem, o mal e comportamentos que consideramos morais ou imorais. A seguir, será dado um panorama geral da narrativa, mesmo que nem todos os detalhes caibam dentro da história que geralmente é contada para as crianças. Neste artigo, serão destacados apenas os aspectos da narrativa que vieram à tona na discussão a respeito do desenvolvimento da moralidade das crianças.

2. A Providência Divina pode ser irônica

A história de Ester, é incrível e recheada de ironia. Os livros infantis e as Bíblias adaptadas para crianças, em geral, não se aproximam muito do tom jocoso do texto, optando muitas vezes em dar enfoque apenas na coragem de Ester.

A riqueza e a relevância dessa história são tão grandes para o povo judeu, que eles celebram até hoje o livro de Ester na festa anual de *Purim*, e alguns especialistas afirmam que o propósito do livro é justamente apresentar a origem da festa do *Purim* (Et 9:18–10:3) (ACOSTA, 2018, p. 213). Apesar de Lutero aparentemente ter revelado alguma dificuldade com Ester (ACOSTA, 2018, p. 229), em geral, a Reforma Protestante deu importância a Ester, especialmente em reflexões sobre a monarquia, a natureza feminina ou como enfrentar ameaças (CARRUTHERS, 2008, p. 13).

No entanto, sempre houve reservas quanto ao conteúdo religioso e moral de Ester, devido à suposta ambiguidade moral de alguns fatos e à ausência do nome de Deus na narrativa (JOBES, 1999, p. 20). Porém, apesar de não mencionar Deus, a narrativa traz de maneira implícita, sua providência e soberania. Deus é o “ausente literário presente em todo o livro” (ACOSTA, 2018, p. 216).

Ademais, sempre houve certo desconforto em setores protestante por causa do teor fortemente judaico e nacionalista do livro de Ester. O episódio mais perturbador para o leitor moderno é o pedido de Ester por um segundo dia de matança, e também pelo enforcamento dos cadáveres dos filhos de Hamã após a salvação dos judeus (9:13) (LANIAK, 2003, p. 182).

O texto não dá nenhuma justificativa para este pedido de Ester, e, aparentemente, “um segundo massacre não foi, em nenhum sentido, um ato de autodefesa” (PATON, 1908, p. 96).

A pergunta que se faz é: o caráter de Ester é um modelo em questões éticas? Os comentaristas se dividem entre os que defendem o caráter de Ester e os que a criticam. Obviamente, detalhes como estes não constam em nenhuma versão infantil da história, mas é um ponto interessante de se observar (pois as crianças podem perceber).

3. A Omissão da Identidade de Ester

A história de Ester contém semelhanças com as histórias de José e Moisés: judeus que tiveram algum vínculo com a corte opressora, mas acabaram salvando o seu povo. Como Moisés, Ester também foi adotada e teve sua identidade ocultada para proteger sua vida (ACOSTA, 2018, p. 215).

Por orientação de Mordecai, Ester escondeu sua nacionalidade (2:10, 20) – e, nesse ponto, a comparação com Daniel em Babilônia é inevitável: Daniel não deixa a menor dúvida de que não está disposto a perder sua identidade judaica, e resolveu “firmemente, não se contaminar com as finas iguarias do rei” (Dn 1:8). Ao contrário de Daniel, o livro de Ester não expressa nenhuma preocupação com as leis alimentares, e não faz nenhum protesto ou observação. Quando é levada à corte do rei pagão, Ester apenas esconde sua identidade judaica (JOBES, 1999, p. 20).

O ato de ocultar a identidade de alguém não é incomum na Bíblia Hebraica. Jacó vestiu as roupas de Esaú e usou peles de animais para obter a bênção de Isaque (Gn 27:1-29). Tamar se disfarçou de prostituta para enganar Judá e engravidar dele (Gn 38:11-26). Abraão (em duas ocasiões) e Isaque ocultaram a identidade de suas lindas esposas, apresentando-as como irmãs, para evitar o que temiam ser a morte certa nas mãos de reis estrangeiros (Gn 12:10-20, 20:1-18, 26:7-11).

Esses textos relatam uma ocultação ativa da identidade, que pode ser caracterizada como engano. No entanto, o caso de Ester é mais ambíguo, pois foi um caso de omissão: “Ester, porém, não declarou o seu povo e a sua parentela” (Et 2:10 ACF). Este pode ser um ponto observado por crianças atentas, pois é um detalhe que consta na maioria das histórias adaptadas para o público infantil.

Muitos estudiosos consideram Ester e Mordecai responsáveis por ações que hoje parecem moralmente erradas. Nesse caso, como responsável legal por Ester, Mordecai poderia ser acusado de pressionar Ester a ocultar sua identidade judaica, de maneira que seu testemunho de fé nas cortes do rei pagão ficasse comprometido.

Deve-se notar, porém, que os motivos do pedido de Mordecai não estão indicados em parte alguma do texto, e parece improvável que a narrativa apenas queira mostrar o domínio patriarcal de Mordecai sobre Ester neste ponto. Não é fácil saber pelo texto se Ester teria sido desqualificada por ser judia, mas aparentemente há algum tipo de apreensão por parte de Mordecai. O fato é que, diante de todos os cenários e suposições possíveis, a narrativa permanece silenciosa.

4. As Ambiguidades de Assuero

Ester contém muita ironia, sátira, contraste (ACOSTA, 2018, p. 215), e zomba daqueles que estão em autoridade ou daqueles que são responsáveis pelo sofrimento dos judeus (JONES, 1977, p. 172). O livro começa descrevendo a grandiosidade do império persa, de Assuero, que

oferece banquetes suntuosos. Mas logo, a história assume ares cômicos, pois o rei manda chamar a rainha Vasti para exibí-la diante dos convidados, e ela o desobedece. Ou seja, apesar da grandeza de seu império, da seriedade de suas leis, o rei não tem autoridade sobre a esposa.

Assuero se mostra um rei poderoso e ostentador, e, ao mesmo tempo, um ser humano fraco, ignorante e manipulável (ACOSTA, 2018, p. 218). Na maioria das histórias adaptadas para o público infantil, é dado maior enfoque na personalidade de Vasti e não em Assuero, é exaltada a coragem de Vasti em contrariar o Rei, porém, no desenrolar da história, é possível perceber Assuero como um rei dependente e manipulável. Ele chega ao ponto de destituir Vasti do posto de rainha, e emitir um decreto para que os homens exerçam autoridade em suas casas sobre suas esposas (1:19-22).

Ester, cujo nome era Hadassa, era uma judia órfã, que havia sido criada pelo primo, Mordecai (2:5-7). Uma mãe normalmente seria a principal autoridade e referência para uma garota judia, mas não no caso de Ester. No caso dela, seu modelo foi um homem, Mordecai (FOX, 2001, p. 97). Sua extrema beleza a leva ao centro do enredo, pois Assuero quer escolher uma nova rainha (2:2-4), e Ester é levada como uma das candidatas (2:8).

Ester vence o concurso, mas isso também envolve algumas questões morais pouco exploradas na literatura cristã: Ester perdeu a virgindade com um gentio incircunciso com quem ainda não era casada, e ela o agrada naquela noite mais do que todas as outras virgens do harém (JOBES, 1999, p. 20). Certamente, essa não é uma história romântica como costuma ser retratada, e isso não consta em nenhuma versão infantil. Mas de que outra forma ela deveria agir, ou que outras decisões ela deveria tomar?

O rei Assuero se apaixona por Ester, e ela se torna rainha (Et 2:17), mas continua escondendo sua nacionalidade (2:20), todas as narrativas voltadas para o público infantil, constam essa omissão e é um ponto muito interessante para a pesquisa. Na sequência dos fatos, Mordecai descobre um plano conspiratório de dois eunucos para matar Assuero, o rei é avisado, e os eunucos são enforcados. A fidelidade de Mordecai é registrada nos livros de história da corte (2:21-23).

5. Hamã, o Antagonista e sua Vingança Desproporcional

A narrativa apresenta, então, Hamã – um funcionário da corte que foi elevado ao mais alto cargo pelo rei Assuero. Ele é o grande vilão da história, que decide exterminar os judeus simplesmente porque Mordecai, um judeu, não se prostra perante ele, reverenciando-o. Ou seja, O problema entre Hamã e Mordecai se torna um problema entre Hamã e todos os judeus (3:1-6).

Dessa forma, novamente, a narrativa traz um líder da corte que é ignorado e se sente ofendido pela falta de submissão de alguém. E, como Assuero, Hamã tentará amenizar sua desonra com um decreto. A diferença entre a reação dos dois é que Assuero não mandou matar ninguém. Portanto, a reação de Hamã é totalmente desproporcional.

O texto diz que “se lançou o Pur, isto é, sortes” (3:7), para saber o dia em que o plano seria executado. Após isso, Hamã convence o rei Assuero a assinar um decreto autorizando o massacre dos judeus (3:8-10). Novamente, o rei permite que subalternos lhe digam o que fazer. E, nesse caso, ele dá o anel real a Hamã, e lhe diz: “Essa prata seja tua, como também esse povo, para fazeres dele o que melhor for de teu agrado” (3:11). Mais uma vez, Assuero é mostrado como “um caso do grande rei que não governa” (ACOSTA, 2018, p. 222).

A história enfatiza o extremismo e a desproporcionalidade do plano de Hamã. Matar alguém que se recusou a fazer um gesto já seria um exagero, mais ainda, matar toda uma nação por causa de uma única pessoa. Mas há um contexto histórico subjacente à narrativa: a antiga

inimizade entre amalequitas e benjamitas, desde o tempo de Saul e Agague. Mordecai pertence à família benjamita de Saul (2:5), e Hamã é descendente do rei amalequita Agague (3:1). Essa inimizade está explícita no texto, que descreve Hamã como “o inimigo dos judeus, filho de Hamedata, descendente de Agague” (3:10).

O decreto foi editado, traduzido para diversas línguas, e espalhado pelo império persa, “da Índia até a Etiópia” (ACOSTA, 2018, p. 222). No entanto, os leitores sabem o que Hamã não sabe: Ester é judia. Assim, a corte persa é retratada como ignorante, a ponto de editar um decreto que coloca, inadvertidamente, em risco a própria rainha.

O fato de anunciar o extermínio e dar um prazo para que ele aconteça também é curioso: os ameaçados poderiam fugir para salvar a vida. Aparentemente, Hamã pretende aterrorizar os judeus antes de matá-los, o que torna o seu plano menos eficaz. Na verdade, esse detalhe é o que garante o fracasso do seu plano, como ficará claro no decorrer da história – Ester terá tempo para elaborar uma estratégia de defesa.

6. Ester assume o Protagonismo

Na primeira metade da narrativa do livro, Mordecai toma as decisões, orienta que Ester esconda sua nacionalidade judaica (2:10), e a acompanha de perto (2:11). No começo da narrativa, Ester não tem o protagonismo, é obediente às orientações de Mordecai (2:20, 22), e sequer é mencionada no capítulo 3. Mas o capítulo 4 apresenta uma virada nesse roteiro. No começo do capítulo 4, Ester ainda ouve os conselhos de Mordecai, mas, então, assume a liderança. Ela passa a dar instruções a Mordecai, e planejar os atos a partir desse ponto.

A história retrata o crescimento e o desenvolvimento de Ester ao longo da narrativa. No começo do livro, Vasti e Ester são retratadas como meros ornamentos do rei Assuero. No final, ela assume o protagonismo ao criar um plano e executá-lo com sucesso.

O protótipo de mulher corajosa e eficaz já existe nos livros mais antigos da Bíblia Hebraica (Débora, Jael, Abigail, por exemplo). Porém, além de corajosa, Ester é apresentada como uma sábia (JONES, 1977, p. 177), que ultrapassa Mordecai nesse papel. No final, Ester não é apenas um ornamento, um objeto sexual, mas uma mulher corajosa e sábia.

Mordecai informa Ester do que está acontecendo e pede que ela interceda diante do rei, mesmo correndo risco de morrer:

Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu escaparás entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (4:13-14).

Ester entra na presença do rei, o rei aceita sua visita e assegura a Ester que ela pode pedir qualquer coisa, até metade do seu reino (5:3). Ela então convida o rei e Hamã para um banquete. Estando ali, o rei repete a promessa de dar a ela o que quer que fosse, mesmo metade do reino (3:6). Ester então convida os dois para um segundo banquete, onde, então, ela revelará o pedido ao rei (3:8).

Ester está inflando o orgulho de Hamã, fazendo-o se sentir muito especial, a fim de impedir que ele continue sua conspiração contra o povo dela. Ao mesmo tempo, ela demonstra cautela, e atrasa a declaração de suas intenções diante do rei, a fim de encontrar o momento certo para derrotar o inimigo (BERLIN, 2001, p. 49).

O intervalo entre os dois banquetes cria um suspense na narrativa, mas também aponta para a sabedoria de Ester. Como diz Provérbios 25:15: “Com muita paciência pode-se convencer

a autoridade, e a língua branda quebra até ossos” (NVI). Enquanto isso, estrategicamente, ela mantém segredo a respeito de sua verdadeira identidade judaica (FOX, 2003, p. 53).

7. O *Plot Twist* Irônico da Narrativa

Hamã sai feliz do banquete e se depara com Mordecai na porta do palácio. Mordecai não esboça qualquer reverência diante de Hamã, e este vai furioso para casa. Diante de sua esposa e de seus amigos, Hamã conta vantagem, e se gloria de ser o único convidado de Ester, além do próprio rei. Mas reclama do impertinente Mordecai. Então sua esposa lhe dá uma sugestão: construir uma forca para Mordecai. O detalhe é que uma mulher é quem diz a Hamã o que fazer (ACOSTA, 2018, p. 225).

Na noite entre um banquete e outro, o rei Assuero não consegue dormir, então resolve passar o tempo lendo o livro de crônicas do reino. Ali ele se depara com o registro da conspiração dos eunucos, denunciada por Mordecai. Esse é o *plot twist* da narrativa, a “reviravolta inesperada no enredo de um filme ou série, que muda completamente o resultado final de uma história” (SIGNIFICADOS, 2020), pois é a partir daqui que Hamã começa a se dar mal.

Como Mordecai salvou a vida de Assuero, o rei se sente no dever de honrá-lo publicamente (Et 6:3). No mesmo instante, Hamã chega ao palácio para dizer ao rei que Mordecai seria enforcado. Antes que Hamã pudesse falar, Assuero lhe pergunta: “Que se fará ao homem a quem o rei deseja honrar?” (6:6). Pensando que o rei estava se referindo a ele, Hamã propõe que tal homem seja vestido com roupas de rei, e que desfile pelas ruas no cavalo real, usando a coroa real, com alguém gritando: “Assim se faz ao homem a quem o rei deseja honrar” (6:9).

O humor aqui está no fato de o leitor saber dos bastidores, o que está na mente de Assuero e de Hamã, mas nenhum dos dois sabe o que está na mente um do outro. É a “comédia de erros: uma personagem interpreta mal a intenção da outra” (ACOSTA, 2018, p. 226).

A cena adquire contornos ridículos quando o rei revela a Hamã que o homem a ser honrado é Mordecai, e que Hamã é quem deve providenciar o desfile e gritar publicamente a própria frase sugerida por ele. O plano sai todo do avesso, e o orgulhoso Hamã se torna o “instrumento para exaltar seu principal inimigo com a glorificação que ele esperava para si” (ACOSTA, 2018, p. 226). Hamã teve que honrar publicamente um judeu, do povo que ele queria massacrar. Ele não podia ser humilhado de uma forma pior a essa altura da narrativa.

Buscando apoio após a humilhação, Hamã vai, “angustiado e de cabeça coberta” (6:12), para casa, mas recebe palavras de desânimo da parte de sua esposa e de seus amigos: “Se Mordecai, perante o qual já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele; antes, certamente, cairás diante dele” (6:13). Ele não sabe, mas essas palavras se cumprirão em breve, durante o banquete de Ester.

Ele sai dali diretamente para o banquete, onde Ester revela ao rei Assuero todo o plano de Hamã (7:3-6). Novamente, Assuero é retratado de maneira irônica: ele é o “rei de grandes domínios, que não domina nada” (ACOSTA, 2018, p. 227), a tal ponto de ter condenado sua própria esposa à morte sem saber. O rei, indignado, sai da sala e deixa Ester e Hamã sozinhos. E a situação de Hamã, que já estava ruim, fica ainda pior, pois ele se joga sobre a rainha implorando por sua vida. Então o rei volta à sala e se depara com uma cena comprometedor: Hamã “caído sobre o divã em que se achava Ester” (7:8). Então, diante dessa cena ambígua, disse o rei: “Acaso, teria ele querido forçar a rainha perante mim, na minha casa? Tendo o rei dito estas palavras, cobriram o rosto de Hamã” (7:8).

Informado de que Hamã havia construído uma forca perto da sua casa para executar Mordecai (mais uma coisa que o rei não sabia), Assuero ordena que enforcem Hamã nessa forca (7:9-10), e as Bíblias infantis contam essa parte da história. Claramente, “uma das chaves do relato de Ester é o revés” (ACOSTA, 2018, p. 228), pois tudo saiu ao contrário do que os maus planejaram.

Hamã caiu na própria armadilha: o rei mandou matá-lo e entregou seus bens a Ester. E um detalhe curioso é que Ester não intercedeu pela vida de Hamã e nem recusou receber seus bens (ACOSTA, 2018, p. 228). O texto justifica tudo o que aconteceu com Hamã com uma sentença: “porquanto intentara matar os judeus” (8:7).

A crítica contemporânea da ética representada na narrativa de Ester precisa levar em conta que o código moral da história é um código de honra: Ester e Mordecai são admirados pela lealdade ao seu povo, fazendo de tudo o que está ao seu alcance para resistir a um inimigo que busca a sua destruição, agindo apenas em legítima defesa (LANIAK, 2003, p. 182-183).

8. O Contragolpe de Ester

Agora Ester convence o rei a escrever outro decreto, dando autorização para que os judeus se defendam de qualquer ataque. O humor da situação está no fato que a narrativa acaba de relatar que os judeus já foram “capazes de se defender sozinhos, sem decreto e sem que o próprio rei nem seus amigos dessem conta do que estava se passando” (ACOSTA, 2018, p. 229). A narrativa continua levantando implicitamente perguntas incômodas (e engraçadas): o rei manda em seu reino? Os homens mandam em suas casas?

O plano de Hamã havia sido descrito com três verbos: “destruir” (*shamad*) (3:6); “sejam mortos” (*abad*) (3:9); “para que se destruíssem (*shamad*), matassem (*harag*) e aniquilassem de vez” (*abad*) (3:13). O massacre planejado por Hamã incluiria velhos, mulheres e crianças (3:13). Ironicamente, no final, Ester repete os mesmos três verbos quando denuncia ao rei o plano de Hamã (7:4). E os verbos são usados novamente quando o decreto é revertido a favor dos judeus (8:11; 9:12). Ou seja: *literalmente*, o mal planejado contra os judeus voltou-se contra os inimigos.

O prazo para que o decreto formulado por Hamã entrasse em vigor era de onze meses, e as datas são registradas com exatidão. A narração dos dois decretos é feita de maneira semelhante (compare 3:12-15 e 8:9-14 com 1:22), mas tiveram resultados diferentes. O primeiro decreto, o de Hamã, provocou perplexidade e confusão entre os moradores de Susã: “Então, o rei e Hamã se assentaram a beber, mas a cidade de Susã estava perplexa” (3:15).

O segundo decreto, favorável aos judeus, provocou reação diferente:

Em cada província e em cada cidade, onde quer que chegasse o decreto do rei, havia alegria e júbilo entre os judeus, com banquetes e festas. Muitos que pertenciam a outros povos do reino tornaram-se judeus, porque o temor dos judeus tinha se apoderado deles (8:17).

A descrição do segundo decreto inclui mais povos e mais detalhes. O dia que era para ser um dia de morte e extermínio dos judeus se transformou num dia de honra para Mordecai, e banquete e celebração para todos os judeus (8:15-17).

Quando o rei explica a Ester que nada escrito em nome do rei e selado com seu anel pode ser revogado (8:8), há uma ironia. Essa explicação seria desnecessária para alguém da corte real, especialmente para uma rainha tão próxima de um alto funcionário como Mordecai. Portanto, o rei está mudando um decreto real (e nenhum dos dois decretos foi feito *realmente*

por ele!) ao mesmo tempo em que explica que tais decretos são imutáveis. Há aqui um forte ingrediente de ironia e humor (JONES, 1977, p. 180).

Também há um exagero no relato do segundo decreto. Estritamente, ele apenas dá aos judeus “o direito de reunir-se e de proteger-se, de destruir, matar e aniquilar qualquer força armada de qualquer povo ou província que os ameaçasse, a eles, suas mulheres e seus filhos, e de saquear os bens dos seus inimigos” (8:11). Aparentemente, se ninguém atacasse os judeus, nenhuma morte ocorreria. Quem seria tolo de querer cumprir o decreto de Hamã sabendo desse segundo decreto?

Apesar disso, oitocentas pessoas de Susã (9:6, 16) e setenta e cinco mil de outras cidades arriscaram cumprir o primeiro decreto, mesmo sabendo do segundo. Exagero? Hipérbole? Certamente, o autor da narrativa quer provocar alguma reação nos leitores que se deparam com o grande rei Assuero tendo que se alegrar por tantos de seus próprios súditos terem sido mortos.

O verso 12 repete a informação:

que disse à rainha Ester: "Os judeus mataram e destruíram quinhentos homens e os dez filhos de Hamã na cidadela de Susã. Que terão feito nas outras províncias do império? Agora, diga qual é o seu pedido, e você será atendida. Tem ainda algum desejo? Este lhe será concedido" (9:12)

Após a matança inicial, Ester ainda exigiu mais: “Se bem parecer ao rei, conceda-se aos judeus que se acham em Susã que também façam, amanhã, segundo o edito de hoje e dependurem em forca os cadáveres dos dez filhos de Hamã” (9:12-13).

9. Vingança ou Juízo Divino?

O pedido de Ester pode sugerir um espírito de vingança, especialmente o pedido para enforcar os filhos mortos de Hamã. Talvez os judeus temessem que os inimigos que sobreviveram ao primeiro dia pudessem se organizar e contra-atacar. Isso tornaria o segundo massacre um ato *preventivo* de “legítima defesa”. Enforcar os filhos de Hamã publicamente pode ter sido uma medida para lançar medo no coração dos inimigos. No entanto, todas essas explicações ficam no campo da especulação, já que o texto não explica. Assim, é difícil julgar a moralidade de Ester com base nesses fatos.

Às vezes é fácil impor opiniões culturais de hoje ao texto bíblico, e avaliar as atitudes de Ester e Mordecai como se fossem cidadãos do século XXI. Leitores contemporâneos precisam fazer uma pergunta sincera: o que eu faria se estivesse no lugar de Ester ou Mordecai? É necessário entrar na realidade da situação deles, e refletir cuidadosamente sobre quais opções Ester e Mordecai realmente tinham diante da ameaça iminente de extermínio do seu povo.

Mas, a Bíblia Hebraica é consistente ao apresentar essa ética, especialmente nas tradições de conquista: ameaçar o povo escolhido de Deus sempre traz o juízo divino sobre os opressores, e tal juízo que pode assumir a forma de intervenção divina sobrenatural ou pode ser humanamente executado, especialmente pelos exércitos de Israel (LANIAK, 2003, p. 183).

A promessa de Deus a Abraão, no livro de Gênesis, foi de que Ele abençoaria aqueles que o abençoassem e amaldiçoaria aqueles que o amaldiçoassem (Gn 12:3). A mesma promessa que Deus fez a Abraão é vista operando fielmente nas histórias de Israel, e no livro de Ester.

10. Considerações Finais

No final do livro, o mesmo rei, que no início do livro havia promulgado um decreto segundo o qual todos os homens do reino deveriam ser obedecidos por suas mulheres, agora está “obedecendo” sua esposa, sem consultar os sábios, as leis ou os livros de crônicas do reino. Assim, o relato já começa mostrando como “o rei é inocente e quão ridículas são as leis dos medos e persas, supostamente inquestionáveis” (ACOSTA, 2018, p. 210). No final da história, cumpre-se a vontade de uma mulher. O império persa agora está recebendo as ordens que Ester e Mordecai “escreveram, com toda a autoridade” (Et 9:29), e o capítulo 9 termina com “o mandado de Ester” (9:32).

Após a matança dos inimigos, os judeus fazem uma grande festa, e a tristeza se torna em grande alegria, instituindo assim a celebração anual da festa de *Purim*:

como os dias em que os judeus tiveram sossego dos seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa; para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem porções dos banquetes uns aos outros, e dádivas aos pobres (9:22).

O livro de Ester frequentemente recebe críticas por causa do massacre dos inimigos dos judeus (JONES, 1977, p. 177-178), mas as obras infantis não mencionam ou enfatizam essa parte da história. No entanto, a maior parte dessas obras infantis destacam o fato de Hamã ter sido enforcado na própria forca que fez para Mordecai (7:10). E isso sim é contado com um tom de ironia.

Seria possível contar a narrativa de Ester para as crianças sem omitir o massacre final? Não contamos às crianças a história do Êxodo, com a morte dos primogênitos, e o afogamento de Faraó e seu exército? Não seria útil explorar o massacre final como juízo divino em favor de seu povo?

De fato, é possível detectar algum nacionalismo no livro, mas é necessário também destacar o aspecto humorístico da narrativa, mesmo em meio a tantas ameaças e mortes. Como se vê, Ester “é um relato cheio de humor” (ACOSTA, 2018, p. 209), mas, será que esse aspecto humorístico da história é captado pelas crianças? Ele pode ser explorado por adultos interessados no desenvolvimento moral e espiritual da criança? Pesquisas posteriores poderiam verificar isso. Mas, de forma seminal, a pesquisa realizada por esta pesquisadora com a narrativa de Ester em grupos de discussão com crianças detectou sinais de que elas percebem sim os aspectos humorísticos da história, bem como diversos dilemas morais.

O fato é que a narrativa de Ester é uma história muito rica, que permite muitas reflexões úteis ao desenvolvimento moral e espiritual, podendo ser analisada a partir de diferentes pontos de vista, e, inclusive, encenada e contada de acordo com o ponto de vista de qualquer outro personagem.

Referências

ACOSTA, Milton. **O humor no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2018.

BERLIN, Adele. **The JPS Bible Commentary Esther**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 2001.

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARRUTHERS, Jo. Esther Through Centuries. **Blackwell Bible Commentaries**. Malden: Blackwell, 2008.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FOX, Michael V. **Character and Ideology in the Book of Esther**. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.
- FOX, Michael V. Three Esthers. In: GREENSPOON, Leonard; CRAWFORD, Sidnie White. (eds.). **The Book of Esther in Modern Day Research**. Journal for the Studies of the Old Testament Supplement Series 380. London: T&T Clark International, 2003.
- JOBES, Karen H. Esther. **The NIV Application Commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1999.
- JONES, Bruce William. Two misconceptions about the Book of Esther. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 39, n. 2, p. 171-181, 1977. Disponível em: <www.jstor.org/stable/43714268>. Acesso em: 12 Jun. 2020.
- KOHLBERG, Lawrence. **Essays on moral development. Volume 1: The philosophy of moral development**. San Francisco: Harper & Row, 1981.
- KOHLBERG, Lawrence. **Essays on Moral Development. Volume 2**. New York: Harper & Row, 1984.
- LANIAK, Timothy S. Esther. In: ALLEN, Leslie C.; LANIAK, Timothy S. (eds.). **Ezra, Nehemiah, Esther**. New International Biblical Commentary. Peabody: Hendrickson Publishers, 2003.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PATON, Lewis Bayles. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Esther**. New York: Charles Scribner's Sons, 1908.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.
- SIGNIFICADOS. **O que é um plot twist?**. Disponível em: <<https://bit.ly/2WONx6E>>. Acesso em: 23 jul. 2020
- TATAR, Maria. **Contos de Fadas: Edição comentada e Ilustrada**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2013.